

Mailson não recebe apoio dos ricos

Rosental Calmon Alves

Correspondente

WASHINGTON — Após uma reunião com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, o ministro Mailson da Nóbrega confessou que não está encontrando nem compreensão e nem ajuda durante os encontros com seus colegas dos sete países mais ricos do mundo. Apressou-se em esclarecer, porém, que não está fazendo esses contatos para pedir auxílio, mas para explicar que o Brasil está atrasando os pagamentos da dívida externa por falta de recursos “e não por uma questão de princípios” ou por uma deliberada política de confrontação e de acúmulos de mora.

Diante de um grupo de banqueiros e empresários americanos, reunidos pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, o ministro da Fazenda repetiu a explicação que vem dando a seus colegas que integram o Grupo dos Sete: experiências europeias e latino-ameri-

canas mostram que se os níveis das reservas internacionais baixarem num momento de crise, como o que o Brasil atravessa agora, isso aumentará as incertezas e deflagrará o processo de hiperinflação. É isso que o governo tenta evitar.

Mailson não quis dizer qual é o montante das reservas que o governo considera satisfatório, mas deu uma pista: é o equivalente a três meses de importações, mais uma parte (que mantém em segredo) das linhas de crédito de curto prazo captadas no exterior. Essas linhas de crédito são de uns US\$ 15 bilhões, incluindo os financiamentos do comércio externo do país e as operações interbancárias.

O ministro corrigiu logo, quando um participante da reunião fez um comentário partindo da premissa de que o país já está sob hiperinflação. “Nós não entamos com hiperinflação no Brasil. O que temos no país são altas taxas de inflação, com as quais o Brasil pode viver longo tempo sem entrar

na hiperinflação, devido aos efeitos da indexação”, disse o ministro. Ele teve que responder também à pergunta de um empresário americano, indignado com o fato de o Brasil pedir sacrifício de seus credores externos, mas não aos credores internos.

Mailson respondeu que não há como comparar a dívida externa com a interna e advertiu que se algo fosse tentado, em matéria de sacrifícios dos credores internos, isso representaria “o começo do fim”. “Haveria logo uma migração de capitais para o exterior e o país viveria um colapso, explicou o ministro.

Apesar da severidade da atual crise de balanço de pagamentos que o país atravessa, Mailson falou em tom otimista sobre o futuro do Brasil. “Uma revolução silenciosa está acontecendo no país”, disse o ministro, ao assinalar que há uma crescente parcela da sociedade brasileira que está entendendo a necessidade de reformas econômicas.